

**EDITORIAL | VOL. 11 – Nº 2 – ANO 2013****BRICOLAGEM CIBERNÉTICA****A SERVIÇO DA MARGINALIDADE**

*Seja marginal, seja herói*

Hélio Oiticica. Bandeira-poema, 1968, serigrafia sobre tela.

Há um decênio, uma década ou exatos dez anos, estudantes do IFCS se encontravam instigados pela falta de voz. Longe dos sombrios tempos de censura ou algo do gênero, a inquietude era bastante específica: não tinham onde publicar suas alterações e repostas com professores com os quais debatiam teoricamente. Da angústia, nasceu a *Habitus*. Abraçada pelos estudantes e comunidade acadêmica *ifcsiana*, a singela revista iniciada com quatro artigos, uma entrevista e três membros no corpo editorial cresceu e se transformou numa revista eletrônica de projeção nacional. E cá estamos, nesta edição comemorativa, 119 artigos, 16 entrevistas e 3 resenhas depois, contando com 11 membros em nosso Conselho Editorial, um Comitê Editorial de 13 alunos da graduação em Ciências Sociais e tendo visto a chegada e partida de 39 integrantes do corpo editorial.

Não nos debrucemos, todavia, sobre nosso passado. O editorial do primeiro número do volume presente já o bem fez, com toda a necessária cota de agradecimentos, *mea culpa(s)*, retrospectivas e explicações. Tampouco falemos do futuro, também delineado na supracitada edição sob a forma da continuidade da tarefa editorial somada a uma procura expansiva pela realização de debates, palestras e outros eventos que procurem o aprofundamento das Ciências Sociais e a projeção dos alunos da graduação. Largados os grilhões do passado e a incerteza dos devires futuros, resta-nos o presente: usemos este espaço como um local de indagação a nós próprios, o que somos e para que o somos – um *metaeditorial*.

Afinal, no que consiste o trabalho de editoração? Uma série de e-mails trocados, procura de pareceristas, estabelecer vínculos com instituições, análise de pareceres, processamento de artigos, formatação de textos, produção de capas, administração de site, incontáveis reuniões, traduções, sujeição às normas técnicas, procura por indexadores, realização de entrevistas, upload de arquivos, divulgação, lançamentos, correspondência com autores *et cetera*. Encare as formas cotidianas de ação, e nos desvelaremos uma práxis mecânica próxima a uma grande montadora.

Provenientes de inúmeros e distantes locais, adentram em nosso pátio-caixa-de-e-mail diversas peças-artigos já pré-montadas em outras fábricas-autores. Após inicial triagem para inspeção de qualidade-revisão de normas, os operários de seção-equipe editorial as enviam aos

engenheiros chefes-pareceristas. Após a execução dos engenheiros-pareceristas, somos autorizados a montar nosso produto final: uma revista acadêmica. Numa visão mecanicista, reduzimo-nos a uma atividade semifábrica. Ou pós-fábrica, pois já nascemos no despontar da revolução do microchip, no contexto de trabalhos imateriais cibernéticos – afinal, operamos uma revista *eletrônica*.

Contudo, mesmo sendo uma fábrica, encontramos-nos no próprio limiar entre o moderno e o primitivo. Nossa regra do jogo é sempre operar com os “meios-limites” – um conjunto sempre finito, composto por objetos bastante heteróclitos. O resultado final nunca se estabelece em relação a um plano particular, mas sempre enquanto síntese criativa; enquanto uma resultante contingente das oportunidades que se apresentaram. Lidamos com o acaso objetivo, num *quasi pensée sauvage*. Uma grande interseção entre selvagem *bricoleur* e o homem-máquina cibernética, alçada a trampolim para a formulação de novas ideias, trabalhos, artigos, teses etc.

Mas não poderá o cauto leitor nos questionar que a bricolagem é papel de quase todo editor? O que torna a *Habitus* a *Habitus*? O que nos diferencia? Para além dos corpos *ifcsianos* que a geram; para além de um domínio específico on-line, para além das reuniões sempre no mesmo antigo prédio no Largo de São Francisco, o que dá unidade a um nós – o que nos diferencia do outro?

O nosso eixo de separação não depende somente de nós: constituímos-nos como liminar, como uma soleira sempre à entrada, nunca além. Numa operação de uma equipe horizontal, em estado de quase *communitas*, produzimos do local do semi-outsider da produção acadêmica: o graduando. Realizada por graduandos, para graduandos terem seu espaço de discutir e expor suas indagações e realizações. Somos portanto, uma produção de marginais para marginais.

Neste espírito, convidamos a todos a debruçarem sobre a nova edição. Contamos com 10 artigos, uma resenha e uma entrevista. Adiantando-os:

O artigo de Gustavo Martins do Carmo Miranda tem como foco um movimento religioso. A análise acerca da formação da Renovação Carismática Católica e sua posterior implantação no Brasil é combinada com a realização de uma observação participante em uma missa, resultando no artigo: “[Alguns aspectos da presença da Renovação Carismática Católica em Belo Horizonte: uma breve interpretação diante da missa presenciada na Paróquia Nossa Senhora Mãe da Igreja](#)”.

Mergulhando no universo do ensino da sociologia no ensino médio, o artigo de Maurício da Costa Barros aborda uma série de questões e desafios que permeiam este complexo cenário, incluindo ainda uma discussão acerca do voluntariado no contexto das atividades dessa disciplina. O artigo intitula-se “[A Percepção da Sociologia em uma Escola de Classe Média](#)”.

No artigo “[Determinismo e relativismo nas obras de Euclides da Cunha e Gilberto Freyre: duas concepções, duas realidades interpretativas acerca da temática racial no Brasil](#)”, Gustavo Martins do Carmo Miranda e Victor Augusto Araújo Silva fazem um recorte do

pensamento social brasileiro, a partir dos aspectos que orientaram as propostas de Cunha e Freyre e delinear as discussões sobre raça no Brasil.

Em “Considerações sobre Polícia, Violência Urbana e Crime na Cidade do Rio de Janeiro”, Renan de Oliveira Rodrigues apresenta algumas questões referentes aos debates sobre: polícia, crime, sujeição criminal e violência urbana. Procura enfatizar a questão da polícia militar e sua relação com o processo de “dura” e a atual lei antidrogas (lei n. 11.363/06).

Em “Reflexões por uma sociedade soberana”, Claudio Ricardo Martins dos Reis apresenta uma compreensiva análise crítica da sociedade - em diferentes níveis e áreas - e ponderações sobre os caminhos para mudança. O artigo parte de diversas correntes do pensamento libertário, socialista e ambientalista para propor um processo revolucionário sistêmico e interdisciplinar.

No artigo “Quando os donos da mordaza falam – abuso sexual e masculinidades na perspectiva dos autores”, Natã Souza Lima discute o modelo de política pública voltado para casos de abuso sexual em Manaus, a partir de uma reflexão sobre o conceito de masculinidade.

No artigo “A “boa imagem” do Rio de Janeiro e o Mercado Popular da Uruguaiana”, Gustavo Lupetti Baptista nos apresenta a diferentes discursos e instituições que produzem e fomentam uma noção de “boa imagem” para a cidade e o período de mudanças pelo qual passa.

A partir de uma pesquisa etnográfica, Pedro Ferraz Gama analisará, no artigo “Quem acolhe o profissional da saúde?: O agente comunitário de saúde como mediador de conflitos na Estratégia de Saúde da Família”, as percepções de profissionais da saúde e pacientes sobre o atendimento ideal a ser prestado, assim como as diferentes formas de negociação ao longo da relação médico-paciente.

“As noções de família e comunidade e as estratégias de reciprocidade em um contexto religioso plural”, de Carlos Eduardo Machado, apresenta uma pesquisa realizada na cidade de Borá, interior de São Paulo, sobre a influência religiosa na vida dos habitantes e como isso afeta as relações sociais entre eles. O artigo aponta como o comportamento familiar e o pensamento religioso pode interferir nos conflitos e tensões existentes no cotidiano dessas pessoas e dentro da comunidade em geral, além da reciprocidade que há entre eles.

Partindo da análise de narrativas de 80 negros de classe trabalhadora, residentes na Zona Norte do Rio de Janeiro, Patrícia Guimarães discorre no artigo “Distância social e produção de estigmas nas relações raciais brasileiras” sobre como se dá a articulação entre classe e raça na definição da identidade desses negros de classe trabalhadora.

Para além dos artigos, o autor Lizandro Lui apresenta a resenha do livro *Made in China: (in)formalidades, pirataria e redes sociais na rota China-Paraguai-Brasil* da autora Rosana Pinheiro-Machado, fruto da tese de doutorado desta em Antropologia, publicada em 2011.

Também anunciamos com grande prazer que Richard Parker, professor da Universidade de Columbia (EUA) e do Instituto de Medicina Social (IMS) da UERJ, abriu gentilmente as portas de sua casa e recebeu a Revista Habitus. Na entrevista: 30 anos abaixo do Equador:

Richard Parker e o Brasil, conta como foi a decisão de vir pesquisar aqui, as influências de correntes de pensamento na sua trajetória intelectual, a institucionalização dos estudos de sexualidade, o seu envolvimento com a questão da AIDS, entre outros assuntos que vão além da sua produção acadêmica.

Desejamos uma boa leitura! 📖

Comitê Editorial | Revista Habitus – IFCS/UFRJ